

Religião e linguagem
Abordagens teóricas interdisciplinares

Coleção SOCIOLOGIA E RELIGIÃO

- *O dossel sagrado – Elementos para uma teoria sociológica da religião*, Peter L. Berger
- *As formas elementares de vida religiosa*, Émile Durkheim
- *As ciências das religiões*, G. Filoramo / Carlo Prandi
- *Sociologia da religião e mudança social*, Beatriz Muniz de Souza e Luís Mauro Sá Martino (org.)
- *Trânsitos religiosos, cultura e mídia – A expansão neopentecostal*, Adilson José Francisco
- *Religião e linguagem – Abordagens teóricas interdisciplinares*, Paulo Augusto de Souza Nogueira (org.)

Paulo Augusto de Souza Nogueira (org.)

Religião e linguagem

Abordagens teóricas interdisciplinares



Direção editorial
Claudio Avelino dos Santos

Assistente editorial
Jacqueline Mendes Fontes

Coordenador de revisão
Tiago José Risi Leme

Diagramação
Dirlene França Nobre da Silva

Revisão
Caio Pereira, Jennifer Almeida, Manoel Gomes, Tiago José Risi Leme, Tarsila Doná

Impressão e acabamento
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares / Paulo Augusto de Souza Nogueira (org.). — São Paulo: Paulus, 2015. — (Coleção Sociologia e religião)

ISBN 978-85-349-4187-7

1. Evolução 2. Interdisciplinaridade e conhecimento 3. Linguagem 4. Religião e ciência
I. Nogueira, Paulo Augusto de Souza. II. Série.

15-06917

CDD-213

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguagens religiosas: Abordagens teóricas interdisciplinares: Religião 213

1ª edição, 2015

© PAULUS – 2015

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

fax (11) 5579-3627 • tel (11) 5087-3700

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4187-7

SUMÁRIO

Apresentação — Paulo Nogueira 7

☞ **Parte 1: Cultura visual** 13

- 1) Imagens e imaginário: subsídios teórico-metodológicos para a interpretação das imagens simbólicas e religiosas – *Etienne Higuét* 15
- 2) Artefatos, imagens e logotipos como linguagens da religião: uma proposta multidisciplinar do estudo da cultura visual religiosa brasileira – *Helmut Renders* 63
- 3) O gesto na religião e na fé – *Christoph Wulf* 89

☞ **Parte 2: Teoria literária** 113

- 4) Religião e ficcionalidade: modos de as linguagens religiosas versarem sobre o mundo – *Paulo Nogueira* 115
- 5) Levar a mão sobre si: religião e literatura autobiográfica – *Douglas Conceição* 143
- 6) Hermenêutica da religião e os paradoxos do sentido – *Antonio Magalhães* 179
- 7) Bakhtin e a interpretação do texto sagrado: alguns pontos fundamentais – *Rodrigo Sousa* 201
- 8) Semiótica discursiva e religião – *Júlio Zabatiero* 217

☞ **Parte 3: Estudos culturais e sociologia** 253

- 9) Hibridismo cultural e a polissemia da religião: reflexões teológicas a partir de Homi Bhabha – *Claudio Ribeiro* 255

10) Sentidos das linguagens religiosas: perspectivas sociológicas
– *Dario Rivera* 279

☛ **Parte 4: Hermenêutica** 307

11) Mito e logos: novos caminhos da hermenêutica na América Latina
– *César Carbullanca Núñez* 309

12) Sentido e significação: uma essencial distinção hermenêutica
– *Rui Josgrilberg* 341

13) Sobre o conceito de religião – *Frederico Pieper* 373

14) A arqueologia e a nova compreensão da história de Israel e Judá
– *José Ademar Kaefer* 413

Apresentação

Os estudos de religião no Brasil, em especial nos programas de Ciências da Religião, têm descoberto um renovado interesse pelas relações entre linguagem e religião, ou, se quisermos colocar de outra forma, pela religião como uma forma de linguagem. Isso se reflete na criação de novas áreas de concentração, linhas e projetos de pesquisa nos programas de pós-graduação em torno de uma área que vem sendo cunhada de Linguagens da Religião. Esse estudo é continuidade de uma tradição consolidada na área, mas também se configura numa ruptura. É continuidade no sentido de que a indagação hermenêutica é uma tradição antiga e fundamental da reflexão teológica das religiões, em especial do judaísmo e do cristianismo. A busca por sentido e por revelação na Escritura tem sido um dos âmbitos de trabalho e produção intelectual mais destacados nessas teologias. Suas tradições hermenêuticas se fundamentam no estudo da linguagem em seus mais diferentes níveis, da palavra estudada pelos filólogos até os símbolos, objeto de reflexão do hermenauta. Há uma convicção de que as palavras dizem mais do que significam no senso comum, que em contextos de revelação, de inspiração poética, de elevação estética (ou extática!), elas podem nos colocar em contato com dimensões profundas do ser, nos ajudar a descobrir nossos lugares na história e na relação com Deus. No entanto, também podemos dizer que, em certo sentido, esse interesse pela linguagem na relação

com a religião representa uma ruptura. Ao se aliar com a linguística, com os estudos literários e discursivos, as ciências da religião também pretendem se inserir na reflexão que marca as ciências humanas desde o século passado, de que a linguagem é fundada num signo fraturado, cuja contiguidade com o que ele significa é questionada. Afinal, o signo, base dos sistemas linguísticos, é dado como arbitrário. No nível discursivo os deslocamentos da linguagem também se fazem presentes. Ali estão presentes não apenas palavras organizadas para transmitir sentido, mas também vozes sociais em busca de ocupar espaço em tensas relações de poder. Existem perspectivas, escolhas, estratégias retóricas e pragmáticas. Tudo isso nos permite ver que na base daquilo que nos constitui como seres da cultura há escolhas, articulações, posicionamentos, fraturas e possibilidades. Essa fragilidade do signo e os deslocamentos no interior do discurso se tornam especialmente problemáticos quando transferidos para o âmbito das linguagens da religião, para as expressões de comunidades inteiras, por meio das quais constroem sua relação com o sagrado e com o mundo. Essas correntes presentes nos estudos das linguagens da religião, a hermenêutica e a semiótica, que pressupõem, por sua vez, haver possibilidades de encontrar sentido e revelação, mas sobre bases constituídas por fraturas e construções discursivas, tornam-se fundamentais na constituição de quadros teóricos complexos em relação à problemática.

Os estudos de Linguagens da Religião estão inseridos entre dois campos de estudos com os quais se relacionam, mas dos quais precisam se delimitar. De um lado estão os esforços em fazer com que conteúdos religiosos sejam comunicados e transmitidos com maior eficiência. De outro se encontram os estudos de mídia e religião, seja ao analisar os diferentes tratamentos que a religião recebe nas mídias, seja o uso que os grupos religiosos fazem de diferentes mídias (rádio, TV e internet). Na verdade, os estudos de religião e linguagem se en-

contram num nível mais elementar, mas mais fundamental e crítico: eles não *pressupõem* simplesmente que as religiões possam comunicar conteúdos, por meio de diferentes mídias, mas problematizam esse mesmo processo. Como é que a religião pode dizer coisas sobre o mundo ou sobre o sagrado? Como ela se relaciona com os sistemas semióticos da língua natural ou com os códigos visuais? E a religião se constitui ela mesma numa forma de linguagem? Ela emula a linguagem? E se o fizer, ela compartilha das limitações e arbitrariedades do signo? E no âmbito discursivo, significa que as diversas falas sobre a experiência do sagrado se constituem da mesma forma que os discursos, sob a forma de articulação de vozes e tensões sociais? Não temos como horizonte do nosso trabalho construir instrumentos para que a linguagem transmita conteúdos religiosos, como que removendo chiados na comunicação. Nada mais equivocado! São esses chiados que nos interessam. E quando tratamos das mídias na sua relação com a religião, novamente nos remetemos ao nível mais elementar: como as mídias criam novas textualidades nos discursos das religiões. Temos interesse especial pelo hibridismo dos códigos.

Nesta breve apresentação — melhor: breve provocação — não faremos a tradicional resenha dos capítulos e uma apresentação de sua relação com o conjunto. Afinal o livro que ora apresentamos foi concebido não apenas como um conjunto de ensaios sobre as diferentes abordagens de religião e linguagem, mas também como um manual para uma introdução à temática. Mais que expor os textos individuais, vamos apresentar pequenas, mas importantes, provocações presentes na estrutura e organização do todo. Como poderão notar ao ler o sumário, iniciamos nossa apresentação com a cultura visual. Entendemos que linguagem não pode mais se referir apenas à palavra, seja oral ou escrita. Propomos a questão: qual o lugar que o signo visual ocupa nas linguagens das religiões? Cada autor responderá à sua maneira. Mas a organização ora proposta

lança a hipótese de sua prioridade. Os signos visuais e, em especial, suas formas híbridas (teatro, liturgia, cinema, na mistura de palavra, gesto, imagem) são os mais importantes e os mais potencialmente aptos à geração de novos sentidos. Na verdade, uma separação estrita entre imagem e palavra seria artificial, uma vez que a própria palavra escrita numa folha de papel é imagem, e o conceito mental que ela provoca na mente do receptor é, por sua vez, também uma imagem. Não se trata disso ou daquilo, mas de sistemas híbridos extremamente produtivos. Nossa concepção de linguagem é, portanto, ampla.

Uma segunda provocação está presente no fato de que toda uma seção deste livro é intitulada “Teoria literária”. Em princípio, teoria literária não é uma das ciências da religião, tendo estatuto e objeto próprio. Tampouco podemos dizer que os textos das tradições religiosas são necessariamente literatura, dotados de literariedade. De fato, estamos fazendo uso aqui propositalmente de uma analogia. Queremos nos perguntar em que sentido um texto religioso pode compartilhar dos elementos de imaginação e composição literária. O texto religioso partilha dos elementos constituintes da criação literária, como, por exemplo, a ficcionalidade? Essa pergunta não soa tão absurda se levarmos em consideração o fato de que os estudos de linguística cognitiva reconhecem nas metáforas e nos esquemas narrativos não apenas modos de produção artística literária, mas formas de articulação e de projeção cognitiva fundamentais do ser humano. No entanto, queremos levar essa questão mais adiante, forçando um pouco mais o seu limite: os textos religiosos partilham do poder de experimentação de mundo do texto literário? Em que medida? O uso da analogia da literatura para com o texto literário, apesar de fundamentado no fato de que a literatura se originou nas primeiras narrativas religiosas (como a bíblica, por exemplo), serve para nos tirar de zonas de conforto conceituais. É muito rico estudar uma coisa em termos de outra.

Por fim, uma terceira provocação: os textos que representam as abordagens das origens do tratamento das linguagens da religião, a hermenêutica e os estudos bíblicos, são colocados na última seção da obra. Até muito recentemente, um livro que estudasse religião e linguagem estudaria basicamente a hermenêutica, a hermenêutica bíblica e a fenomenologia. Trouxemos novos saberes para o diálogo neste livro: estudos de hibridismos nas fronteiras, sociologias interpretativas, semióticas de diferentes tipos, estudos discursivos, teorias da literatura. E novos autores: Bakhtin, Iser, Greimas, entre tantos outros. E já temos a mencionada provocação de termos iniciado a conversa com o estudo de imagens e gestos. Após esse conjunto de temas e autores inusitados, entram em cena os textos sobre hermenêutica, como que dizendo aos leitores: há abordagens novas, mas nossos (antigos) problemas ainda não foram resolvidos, eles permanecem atuais. Não é responsabilidade desses capítulos digerir os anteriores, apesar de que não faltam provocações. Essa inversão de ordem é uma pergunta para o leitor. Não basta inverter ordens ou substituir teorias e métodos: o problema do sentido na religião segue ali para ser decifrado.

Por fim, gostaria de, em nome de todos os autores, dedicar este livro ao nosso amigo, colega e coautor Prof. Etienne Higuët. O livro foi planejado como uma homenagem e comemoração aos seus 35 anos de dedicação ao ensino e à pesquisa na Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Prof. Etienne, além de conhecido pesquisador da obra e do pensamento de Paul Tillich, também é um profundo conhecedor da tradição hermenêutica e fenomenológica. No entanto, dada a sua versatilidade e curiosidade intelectual, ele passou a pesquisar nos últimos anos semiótica e cultura visual e a relação da arte com a religião. Por isso acho que, mais que um homenageado neste livro, o Prof. Etienne é um paradigma da abordagem que propomos na tensão entre o sig-

nificado e o sentido, entre a materialidade do signo e a interpelação da palavra. Para ele, nosso abraço e reconhecimento.

Quero fazer ainda alguns agradecimentos: à Diretoria da Paulus, por acreditar neste projeto. Aos meus mestrandos Leandro, Carlos Eduardo (Kadu) e Denilson, por padronizarem os diferentes textos. Às secretárias da Pós-graduação em Ciências da Religião, Regiane e Ana, pelo apoio nas coisas práticas e essenciais.

Paulo Augusto de Souza Nogueira
Fazendinha, maio de 2015